



SEÇÃO:

## Da prisão do mundo ao mundo da prisão: a descoberta de si e do outro em narrativas do confinamento

*From the prison of the world to the world of the prison: Finding oneself and finding others in narratives of confinement*

*De la cárcel del mundo al mundo de la cárcel: el descubrimiento de sí y del otro en narrativas de confinamiento*

**Luciana Paiva Coronel<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6230-1878](https://orcid.org/0000-0001-6230-1878)  
[lu.paiva.coronel@gmail.com](mailto:lu.paiva.coronel@gmail.com)

**Recebido em:** 16 jun. 2025.

**Aprovado em:** 25 set. 2025.

**Publicado em:** 24 nov. 2025.

**Resumo:** O trabalho pretende apresentar autores representativos da escrita do cárcere, série literária que marcou o sistema editorial brasileiro no início do século XXI. Trata-se de Luis Alberto Mendes (*Memórias de um sobrevivente*, 2001), Jocenir (*Diário de um detento: o livro*, 2001), Humberto Rodrigues (*Vidas do Carandiru: histórias reais*, 2002), e André Du Rap (*Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)*, 2002). Junto à denúncia do horror vivido em instituições do Estado, nas quais a violação dos direitos humanos é cotidiana, identifico nas diferentes vozes autorais que narram desde a prisão na cena contemporânea a presença de um aprendizado relacionado à elaboração da experiência do confinamento através da sua narração. De um modo particular em cada uma das obras referidas, a margem prisional constitui "uma geografia geral da privação, mas também do resgate" (Francavilla, 2012). O cárcere é entendido neste estudo, portanto, como *locus* de resistência criadora àqueles e àquelas que se constroem subjetivamente "pela pena, 'pena' entendida aqui no duplo sentido de penalidade e instrumento de escrita" (Penna, 2013), o que aponta também para a precariedade de sua socialização anterior à detenção. Finalmente, remonto a Graciliano Ramos, autor de *Memórias do cárcere* (originalmente publicado em 1953), que ficcionaliza a experiência de uma espécie diversa de enclausuramento, imposto àquele que já era um reconhecido escritor das letras nacionais quando de sua detenção por motivos políticos. Ainda assim, a narrativa apresenta uma descoberta, que diz respeito ao mundo dos oprimidos, que o autor comunista percebe ser-lhe pouco conhecido (ou desconhecido) até o confinamento na prisão.

**Palavras-chave:** escrita do cárcere; autoconhecimento; aprendizado do mundo.

**Abstract:** This work intends to present representative authors of prison writing, a literary series that marked the Brazilian publishing system at the beginning of the 21st century. These are Luis Alberto Mendes (*Memórias de um sobrevivente*, 2001), Jocenir (*Diário de um detento: o livro*, 2001), Humberto Rodrigues, (*Vidas do Carandiru: histórias reais*, 2002), and André Du Rap (*Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)*, 2002). Along with the denunciation of the horror experienced in state institutions, in which the violation of human rights is daily, I identify the presence of learning related to the experience of confinement through the narration of different voices from the prison space. In a particular way in each of the aforementioned works, the prison margin constitutes "a general geography of deprivation, but also of rescue" (Francavilla, 2012). Therefore, in this study, prison is understood as a *locus* of creative resistance to those who are subjectively constructed "by the (pen)alty, understood here in the sense of penalty and pen as a writing instrument (Penna, 2013), which also points out to the precariousness of their socialization before detention. Finally, I go back to Graciliano Ramos, author of *Memórias do cárcere* (1953), who fictionalizes the experience of a different kind of confinement, imposed on someone who was



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

already a famous writer of Brazilian literature when he was arrested for political reasons. Even so, the narrative presents a discovery, which concerns the world of the oppressed people, which the communist author perceives to be little known (or unknown) to him until his confinement in prison.

**Keywords:** Prison writing; Self-knowledge; World learning.

**Resumen:** Este trabajo pretende presentar autores representativos de la escritura carcelaria, serie literaria que ha caracterizado el sistema editorial del inicio del siglo XXI. Se trata de Luis Alberto Mendes (*Memorias de un superviviente*, 2001), Jocenir (*Diario de un detenido: el libro*, 2001), Humberto Rodrigues, (*Vidas del Carandirú: historias reales*, 2002), André Du Rap (*Superviviente André Du Rap de la masacre del Carandirú*, 2002). Junto a la denuncia del horror vivido en instituciones del Estado, en las cuales la violación de los derechos humanos es cotidiana, identifico en las diferentes voces autorales que narran desde prisión en la escena contemporánea la presencia de un aprendizaje relacionado a la elaboración de la experiencia del confinamiento a través de su narración. De un modo particular en cada una de las obras referidas, el margen carcelario constituye "una geografía general de la privación, pero también de rescate" (Francavilla, 2012). La cárcel es entendida en este estudio, por lo tanto, como *locus* de resistencia creadora para aquellos y aquellas que se construyen subjetivamente "por la pena, 'pena' entendida aquí en doble sentido de penalidad e instrumento de escritura" (Penna, 2013), lo que apunta también para la precariedad de su socialización anterior a la detención. Finalmente remonto a Graciliano Ramos, autor de *Memorias de la cárcel* (1953), que produce ficción con base en la experiencia de una especie diversa de clausura, impuesta a aquél que ya era un reconocido escritor de las letras nacionales cuando de su detención por motivos políticos. Aun así, la narrativa presenta un descubrimiento que versa sobre el mundo de los oprimidos, cuya causa el autor comunista siempre defendiera, pero de los cuales percibe que poco sabía hasta el confinamiento en prisión.

**Palabras-clave:** escritura carcelaria; autoconocimiento; aprendizaje del mundo.

## O mundo da prisão no Brasil

A instituição prisional constitui espaço à margem da sociedade, ainda que só se possa pensá-la por meio do vínculo íntimo que mantém com a dinâmica da vida social de cada época e de cada espaço nacional. O pesquisador João Camillo Penna, no ensaio "O sujeito carcerário", constante do livro *Escritos da sobrevivência*, tece comentário interessante a esse respeito, trazendo a discussão para o âmbito nacional: "Dostoiévski, que conhecia bastante bem as prisões, costuma-

va dizer que cada país tem a prisão que merece. O Brasil não poderia escapar a esta regra" (Penna, 2013, p. 160). A prisão que merecemos como Nação "se parece mais com campos de concentração para pobres, ou com empresas públicas de depósito industrial dos dejetos sociais, do que com instituições judiciárias servindo para alguma função penalógica dissuasão, neutralização ou reinserção", comenta o estudioso Lóic Wacquant em nota introdutória à edição brasileira de *As prisões da miséria* (2004, p. 7)<sup>2</sup>.

Marcado por fortes desigualdades de condições e de oportunidades de vida e desprovido de tradição democrática, o Brasil tem uma cultura política profundamente marcada pelo viés do autoritarismo, aspecto enraizado no período colonial, no qual a presença da escravidão autorizava o controle da massa subalterna pela força. Esse imaginário antidemocrático delinea uma concepção hierárquica e paternalista de cidadania, fundada na oposição entre uma elite que se coloca acima da lei e uma base social de trabalhadores pobres e sujeitos marginais à estrutura produtiva, que deve respeitá-la. Estes são facilmente reconhecidos como criminosos, sobretudo se forem afrodescendentes, uma vez que o sistema prisional reproduz o racismo estrutural à sociedade brasileira. Ao criminalizar a miséria, o Estado penal atua sobre os pobres como uma verdadeira ditadura, sujeitando-os à violência institucionalizada da tortura e das chacinas.

## O mundo da prisão como representação

O sistema carcerário brasileiro é figurado como máquina que esmaga os pobres nos diferentes livros que compõem o fenômeno que Márcio Seligmann-Silva chamou "um pequeno boom de literatura prisional" (2003, p. 3), ocorrido no início do século XXI, quando autores como Luiz Alberto Mendes, Jocenir, André Du Rap, Humberto Rodrigues, entre outros, contaram em coro afinado os horrores dos estabelecimentos em que cumpriam suas penas. Trata-se de homens

<sup>2</sup> Os dados do Infopen (Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro) não o negam. Ver a propósito <https://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>.

que Andrea Hossne (2005, p. 129) define como "presidiários autores, ou seja, aqueles nos quais a condição de encarcerado precede e mesmo preside a da escrita". Suas vozes emergiram, portanto, da margem de onde não se esperaria que emergissem escritores. Inusitadamente, eles se fizeram ouvir, na esteira do sucesso que na cena musical nacional dos anos 1990 fazia o *rap* e desdobrando o esforço civilizatório deste em sua poética capacidade de

[...] simbolizar a experiência de desamparo destes milhões de periféricos urbanos, de forçar a barra para que a cara deles seja definitivamente incluída no retrato atual do país (um retrato que ainda se pretende doce, gentil, miscigenado), [...] de produzir uma fala significativa e nova sobre a exclusão [...] (Kehl, 2000, p. 215).

A análise precisa da psicanalista Maria Rita Kehl a propósito da importância dos Racionais MC's, consagrado grupo de *rap* na cena cultural nacional, aplica-se aos textos inicialmente discutidos neste artigo, cujos autores, também provenientes de uma margem marcada pela pobreza, pela precária formação cultural e ainda, neste caso, pela mácula do crime, renovam o empenho do *rap* no sentido de inserir "a cara" dos segmentos excluídos no retrato oficial do país. Tal foi igualmente a proposta da "Literatura marginal" de Ferréz (2005, p. 10), que no mesmo raiar do século XXI agregou autores das quebradas em um mutirão disposto a "arrombar a porta" do sistema literário brasileiro contemporâneo com sua dura formalização estética das dívidas históricas da sociedade para com o povo da periferia, deixado à própria sorte em regiões nas quais o Estado praticamente restringe sua presença às ações de repressão policial.

Entende-se que a condição marginal dos autores que escrevem a partir do cárcere seja ressignificada no ato da escrita, permitindo a cada um deles atravessá-la de um modo próprio, com a cultura fornecendo-lhes acesso à cidadania que a sociedade insiste em recusar-lhes desde os primórdios de nossa história. Assim entende Maria Rita Palmeira no estudo *Cada história, uma sentença*: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro, em que se lê: "na tentativa de livrar-se

da pecha de presidiário, esses homens procuram construir para si um novo caminho, por meio da escrita, quando se tornam autores" (Palmeira, 2009, p. 20). Nenhuma das obras realiza essa transformação de modo mais notável do que o magistral romance de Luiz Alberto Mendes *Memórias de um sobrevivente* (2001), que cobre o arco completo de uma vida marcada desde o início pela exclusão e pela violência, comportando ao longo de quase quinhentas páginas a metamorfose pela qual passou seu autor na prisão. É esta mudança que lhe habilita a percorrer a própria trajetória de vida na intenção de compreender-se. A apresentação de Fernando Bonassi assim o considera:

Luiz não quer se salvar dentro de seu livro e de suas histórias. Como todo artista de compromisso vital, Luiz se salva ao se expressar. Tira de si um peso que não juntou sozinho, para devolver, aos que se sentem tranquilos em suas coberturas duplex, algo novo: indignação e sensibilidade radicais. Um usufruto da língua que muitos escritores passam a vida procurando sem conseguir encontrar. Luiz, o sobrevivente deste verdadeiro romance de formação, nos oferece uma chance. A chance de nos conhecermos melhor. A chance de transformar o que é inaceitável mas que costuma arrancar de nós pouco menos que esgares caridosos. [...] Seja bem-vindo, leitor, ao surrealismo da tragédia brasileira (Mendes, 2001, p. 10-11).

Condenado a mais de 27 anos por vasta gama de infrações cometidas desde tenra infância – "Aos dez anos já era um ladrãozinho bem-sucedido e oportunista" (Mendes, 2001, p. 30) –, frequentador de instituições como o Serviço de Assistência e Triagem (SAT), abrigo para meninos de rua com menos de 14 anos, e do Recolhimento Provisório de Menores (RPM), destinado aos garotos de 14 a 18 anos, o escritor realiza uma espécie de salvamento simbólico por meio da palavra em seu texto, que atende ao "desafio de estabelecer uma *ponte* com 'os outros', de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outriedade, de romper com os muros [...]. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro" (Seligmann-Silva, 2008, p. 65). Os testemunhos sobre o trauma da *Shoah*, objeto da análise de Márcio Seligmann-Silva no ensaio

"Narrar o trauma – A questão do testemunho nas catástrofes históricas", podem ser aproximados ao do autor brasileiro, uma vez que a prisão em nosso país se assemelha ao *Lager* nazista, como visto. Assim a veem aqueles que a estudam, bem como com aqueles que lhe sobreviveram.

*Memórias de um sobrevivente* comprova a terrível comparação por meio das infundáveis cenas de tortura a que o narrador relata ter sido submetido. Ele conta que, ainda menor de idade, em razão de não permanecerem em silêncio, os meninos do abrigo eram punidos, tendo seus pés retidos entre os pés dos policiais, que lhes desciam a borracha: "O ato dos PMs era tão conscientemente criminoso, que procuravam bater apenas onde não ficassem marcas duradouras. As palmas das mãos e as plantas dos pés. Só quando a vítima não se submetia àquele tipo de tortura é que eles batiam às queimas" (Mendes, 2001, p. 117-118). Em tal situação, o garoto machucado era vigiado para evitar denúncias: "Quando as marcas eram muitas, colocavam-no no castigo, na cela forte da triagem, para escondê-lo da família. Depois, quando sumiam as marcas, procuravam dar doces, balas, cigarros para comprar a vítima. E, por incrível que pareça, éramos tão carentes, que aceitávamos suborno" (Mendes, 2001, p. 118).

É a partir dessa experiência de vida danificada que o sujeito enunciativo questiona a irracionalidade da dinâmica social opressora que se abate sobre si, alertando para a insegurança que ela gera para o conjunto da sociedade:

Queriam proteger a sociedade nós, mas talvez a solução fosse nos proteger da proteção social. Daí é para se perguntar se éramos animais como queriam, ou se éramos animalizados, como nos faziam. Marginais e criminosos, ou marginalizados e criminalizados? O resultado se observaria no estrago, na devastação que retribuiríamos, no futuro, à sociedade (Mendes, 2001, p. 146).

O duro aprendizado do mal, resultado do tratamento aviltante recebido em centros de acolhida de menores infratores, cadeias, distritos e no complexo prisional, é a matéria-prima inicial de suas memórias: "O que se desenvolvia ali era puro sadismo, vontade insana de bater [...]. Éramos a

escarradeira do mundo" (Mendes, 2001, p. 452). A voz do sujeito do discurso divide com o leitor a razão diária de ofensas e castigos físicos que recebeu por cerca de trinta anos: "Esses pirralhos mereciam nascer mortos. O que vai dar um moleque desses? [...] Devíamos exterminar esses animaizinhos antes que se tornem um problema insolúvel para o futuro" (Mendes, 2001, p. 83). O "animalzinho" em questão aprende com todas as violências sofridas, apontando-as sabiamente ao leitor como o avesso do que deveria ocorrer nesses estabelecimentos:

Nunca ninguém se importou em nos trazer uma mensagem positiva, nos transmitir valores ou discutir os nossos. [...] Estávamos abandonados à nossa capacidade de produzir uma cultura nossa e à mercê de nossos sicários. A cultura que conhecíamos era [...] a cultura do oprimido que espera sua oportunidade de vingar-se (Mendes, 2001, p. 182).

Abandonado à própria sorte em um espaço no qual fervilhava a cultura da força bruta, "os menores apanhando dos maiores e todos apanhando da polícia" (Mendes, 2001, p. 150), sofrendo torturas como o pau-de-arara ainda na adolescência, o narrador protagonista constata o fracasso da instituição carcerária na tarefa da ressocialização dos sujeitos encarcerados. Em vez de contribuir para que saíssem em melhores condições do que aquelas em que entravam, a prisão terminava por "matá-los": "[...] se não nos mataram fisicamente, roubaram todo o conteúdo que poderia existir em nossas vidas. Nos enterraram vivos. Estávamos mortos, bem mortos. E me pareceu sempre uma grande incoerência matar gente que mata gente apenas para mostrar que não se deve matar gente" (Mendes, 2001, p. 400). *Memórias de um sobrevivente* foi escrito, portanto, para que seu autor pudesse entender a rota que o levava à zona da morte em que fora deixado, afinal "narrar o trauma [...] tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer" (Seligmann-Silva, 2008, p. 66).

O próprio narrador revela ter como raiz de sua intencionalidade autoral a busca do auto-entendimento:

Apenas escrevi para ter uma sequência que permitisse que eu mesmo entendesse o que havia acontecido realmente. Pois, afora poucos momentos em que estive no comando da minha existência, a maior parte da minha vida transcorreu em uma roda-viva, descontrolada e descontínua. Eu queria ordenar momentos e acontecimentos, ações e reações, para ver se entendia um pouco dessa balbúrdia que foi a minha existência. Confesso que o resultado não foi muito satisfatório, por esse lado. Talvez eu tenha ficado sem entender ainda mais (Mendes, 2001, p. 476).

Por meio da ordem da escrita, Mendes procura enfrentar a desordem da vida. Se tem a coragem de reconhecer ao final do percurso que não logrou compreender-se, é porque alcançou o entendimento mais profundo de si como homem movido pelo motor imperscrutável do desejo. Para Karl Erik Schollhammer, no ensaio "Memórias de delinquência e sobrevivência", que faz parte do livro *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*, "toda a narrativa gira em torno de uma vontade de entender a própria fraqueza diante da sedução do crime" (Schollhammer, 2013, p. 213). O romance aponta, dessa forma, para um caminho solitário de superação, enquanto *Diário de um detento: o livro*<sup>3</sup> (2001), de Jocenir, apresenta o cárcere como um "inferno" que não é só seu, é também o inferno "de milhares de companheiros que tentam sobreviver trancafiados" (Jocenir, 2001, p. 17).

A brutalidade da experiência carcerária é narrada por esse autor de um ponto de vista mais amplo, porém não menos terrível: "os distritos policiais, cadeias públicas e alguns presídios [...], são campos de concentração, senão piores, iguais aos que os nazistas usaram para massacrar os judeus na 2ª Guerra Mundial. São verdadeiros depósitos de seres humanos tratados como animais" (Jocenir, 2001, p. 17-18). Não tendo tido uma vida de crimes, como o autor anteriormente discutido, mas, ao contrário, dizendo-se vítima de uma armadilha que o leva injustamente à detenção, é distinto o sentido do seu investimento no

processo escritural. Jocenir não realiza em seu texto qualquer espécie de confissão, mas faz do mesmo instrumento da expressão de seus dramas, que entende serem os mesmos dos demais homens presos.

A facilidade na escrita, no entanto, diferenciava o narrador protagonista naquela massa em geral precariamente alfabetizada, o que fazia com que recebesse com frequência pedidos de escrita de cartas a familiares. O narrador do texto refere ter se especializado em "produzir versos recheados da psicologia do homem preso" (Jocenir, 2001, p. 97). O acesso privilegiado ao sofrimento dos colegas de confinamento, cujas histórias refere ter ouvido com atenção para bem exercer o ofício de escrevente de suas missivas, o torna uma espécie de instrumento de expressão do que passavam em discurso: "A dor de cada um se transferia para mim, e de mim para o papel" (Jocenir, 2001, p. 97)<sup>4</sup>. *Diário de um detento: o livro* apresenta, assim, uma visão panorâmica da prisão, realizada por um detento que assume a função de porta-voz da coletividade do cárcere: "Cada detento uma mãe, uma crença, cada crime uma sentença, cada sentença um motivo, uma história de lágrimas, sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo. Traduzia o cárcere com um lápis" (Jocenir, 2001, p. 97).

Na prisão, o narrador consegue enxergar com maior clareza as iniquidades do mundo através do reconhecimento da diferença de tratamento que a Justiça reserva aos segmentos sociais privilegiados: "É duro ser bode expiatório do sistema. Fiquei pensando naquele momento qual seria o tamanho do presídio se a justiça funcionasse e botasse todos os criminosos de colarinho branco atrás das grades. Eles teriam direito a corredor polonês? Comeriam merda?" (Jocenir, 2001, p. 80). Ele, preso comum, passava por corredor polonês e comia merda. Era a prisão da vida, provocada

<sup>3</sup> O autor escrevera antes a letra de um *rap* de mesmo nome, em parceria com Mano Brown, do grupo Racionais MC's, que fora um sucesso estrondoso no cenário musical nacional do final da década de 1990. Testemunho ficcional do massacre do Carandiru, escrito a partir de testemunhos de sobreviventes da chacina, a canção marcou época, recebendo o clipe que a apresentava prêmio da MTV no ano de 1997.

<sup>4</sup> Também a letra de seu mais famoso *rap*, *Diário de um detento* (Jocenir, 1997), fora escrita a partir de depoimentos de companheiros, como se viu.

pelas desigualdades sociais, que atravessava os muros dos estabelecimentos carcerários e intensificava-se na rotina carcerária, ele constata. Ali homens pobres eram segregados e tratados como "resto" por guardas, policiais e agentes.

Luiz Alberto Mendes igualmente reconhece em seu texto que a estrutura da sociedade assemelhava-se à da prisão: "uns poucos dominavam, concentrando poderes e gozando de privilégios" (Mendes, 2001, p. 423). Em que pese exercer também a função de redator de cartas às mães e namoradas dos companheiros, este sobrevivente possui um universo mais amplo de sofrimentos e um passado mais pesado de contravenções, o que torna sua narrativa mais profunda e mais problematizadora de si e do universo circundante. Sendo uma "geografia geral da privação, mas também do resgate [...]" (Francavilla, 2012, p. 2), a margem é, em seu caso, reconfigurada como lugar de resistência particularmente criadora. O resgate nesse verdadeiro romance de formação é feito através de uma escrita autoinvestigativa que procura saídas para o embrutecimento inerente à experiência do confinamento.

Em sua trajetória discursiva, o narrador constata que os espaços anteriores da casa e da escola já constituíam locais de aprisionamento para o menino infeliz que sempre fora: "[...] meu pai me criara preso ao medo. Aquilo se introjetara em meu espírito de tal forma que eu vivia esse pesadelo continuamente" (Mendes, 2001, p. 98). É do pai ele se lembra em situação de tortura: "Recordou-me meu pai mandando que eu buscasse a cinta para ele me bater. Despiram-me, embrulharam meus pulsos, tornozelos e joelhos com ataduras [...]" (Mendes, 2001, p. 385). Da prisão do mundo para o mundo da prisão, eis a trajetória de vida que sua narração constrói. Por tal razão, no epílogo do romance, escrito quando Mendes encontrava-se na Casa de Detenção de São Paulo, lê-se: "Estou preso, como sempre [...] sem perspectivas de quando vou sair, como sempre" (Mendes, 2001, p. 470).

O autor tem neste momento quarenta e sete anos de vida e vinte e sete de prisão. A opressão presente em seu texto possui também uma cons-

tância: "Sempre a mesma ladainha para humilhar o preso, esse desgraçado social que veste um uniforme que aceita todas as pechas e ofensas" (Mendes, 2001, p. 271). Era o "uniforme" que lhe tornava vulnerável aos maus tratos da prisão. O narrador questiona as prerrogativas dos agentes encarregados de vigiá-los: "até hoje acho questionável o fato de se dar uma arma e autoridade a um homem, para que exerça essa autoridade sobre os outros" (Mendes, 2001, p. 271). A marca desses homens com poder de matar, segundo lhe parece, era "[...] o despreparo psicológico e o baixo nível de formação e informação social, [que] faziam dos soldados que guarneciam essas penas de morte móveis verdadeiros assassinos sanguinários. [...] Verdadeiros executores, que ao olhar decidiam se deviam chegar matando ou pedir documentos" (Mendes, 2001, p. 252).

A violência exercida pelos responsáveis pela Segurança Pública, sobretudo os militares, em relação a "essas penas de morte móveis", que eram os detentos, estava sabidamente amparada em uma cultura arraigada de negação de direitos aos encarcerados: "Estávamos cientes de que aqueles que nos barbarizaram o fizeram em nome de uma sociedade. Uma sociedade que nos repelia, brutalizava, segregava e que quase nos destruía. E o pior: uma sociedade que precisava dessas monstruosidades para se manter. A tortura era uma instituição social" (Mendes, 2001, p. 399-400). Com o aval da sociedade, os "bandidos" eram, e continuam sendo, reiterada e brutalmente violados no conjunto de seus direitos humanos fundamentais. Essa tradição viu-se fortalecida nas duas décadas de ditadura civil-militar, quando a luta contra os "subversivos" apropriou-se dos métodos da repressão usualmente imposta aos assim chamados "delinquentes".

José André de Araújo, outro dos autores dessa série, narra o Massacre do Carandiru com o auxílio do jornalista Bruno Zeni, editor de seu relato em publicação de 2002 intitulada *Sobrevivente André Du Rap (do Massacre do Carandiru)*, na qual a marca da oralidade é muito viva e na qual também está presente, como nas obras anteriormente referidas, a comparação do sistema penitenciário

com o Holocausto e aqui também com o Vietnã "porque sobreviver naquele lugar ..., o sistema é um Vietnã" (Du Rap, 2002, p. 175). André conta que não havia confronto entre os presos naquele dia 2 de outubro de 1992, quando funcionários abandonaram o pavilhão e trancaram o portão. Ao ver helicópteros sobrevoando, ele reforça, os presos fizeram faixas com seus próprios lençóis para avisar que estavam em paz. A luz foi cortada, policiais de capuz, de máscara e escudo invadiram o prédio metralhando e jogando bombas de gás lacrimogêneo dentro das celas.

Os presos, segundo o testemunho recolhido por Zeni, "[...] morreram debaixo das camas, dentro dos banheiros, se escondendo. [...] Morreram de roupa, rendidos, antes da polícia mandar todo mundo ficar nu. [...] Tinham vários companheiros mortos e eu fiquei ali embaixo dos corpos. A polícia atirava pelos guichês das celas" (Du Rap, 2002, p. 21). André, que julga ter conseguido escapar da execução a sangue frio pelas tropas da Polícia Militar por milagre, testemunha sobre o horror de ver companheiros serem empurrados no fosso do elevador "É um a menos!" (Du Rap, 2002, p. 22), baleados e atacados por cachorros: "Teve um companheiro que o cachorro mordeu o testículo dele e saiu arrancando... Cena horrorizante. [...] Veio um PM e executou ele" (Du Rap, 2002, p. 25).

Finda a ação, ele relata: "[...] começamos a lavar o pavilhão, puxando com rodo aquele monte de sangue. Pedaco de carne, pedaco de companheiro seu, pedaco de ser humano ali no meio da água misturada com sangue, sangue de vários homens. Vários companheiros se infectaram com doenças, tava todo mundo nu" (Du Rap, 2002, p. 22). Mais importante do que a descrição dos episódios que compuseram a maior chacina da história prisional nacional, é o sentido da enunciação de André, que transmuta a sensação de ser um "resto" descartável em discurso de inegável compromisso ético com a sociedade: "[...] eu acho que tenho que falar. Mesmo que eles venham a me matar, a verdade tem que ser contada. [...] Eu quero falar a verdade, contar a minha história pra

ela não se repetir" (Du Rap, 2002, p. 104).

Exatamente no sentido de evitar um novo massacre fez-se, durante o julgamento do Coronel Ubiratan, comandante do massacre, a parceria entre o jornalista, que dominava o código letrado, e o sobrevivente, que detinha a experiência. André narra para salvar os outros e não a si, mas a escrita o torna um sujeito melhor do que já fora em relação à sociedade que lhe dirige somente discriminações: "[...] a partir do momento em que fui preso, eu me tornei quem? Não o André, mas o bandido. Aquele suposto bandido que matou. Aquele suposto bandido que roubou. E eu não tive direito de defesa. Por quê? Por eu ser pobre, preto e morar na periferia. Não tinha advogado, não tinha dinheiro" (Du Rap, 2002, p. 145). Como Luiz Alberto Mendes e Jocenir, André depara-se com a imagem do mundo como prisão de pessoas pobres, pretas e periféricas. Dessa prisão do mundo não é difícil a passagem para a outra, em que vestem uniforme.

Sobre esse conjunto de vozes provenientes da exclusão no empenho de construir uma memória da violência e da repressão social no terreno da cultura brasileira contemporânea, considerou Márcio Seligmann-Silva:

Estas narrativas contam as tentativas de vencer com alguma astúcia a força bestial de um sistema penal que apenas serve para eliminar aqueles considerados "resto" (*homo sacer*, para recordarmos Agamben interpretando Benjamin e Foucault; AGAMBEN, 1998 e 2002<sup>5</sup>) de uma sociedade moldada pela ideologia do consumo e do sucesso (2003, p. 7).

O imaginário hegemônico do consumo e do sucesso é reconhecido pelos homens que narram desde a prisão. Em seus textos, eles manifestam ter consciência de que a sociedade lhes enxerga como criaturas desprezíveis e fracassadas. "A carne humana é descartável", assim representa-se Antonio Donizetti no poema que consta da obra *Vidas do Carandiru – Histórias reais*, organizado por Humberto Rodrigues (2002, p. 252), detento mais familiarizado com a escrita, que narra a sua história e na sequência, também, a história de

<sup>5</sup> O professor e pesquisador do testemunho refere-se respectivamente à edição italiana de *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, no Brasil publicado em 2008, e à edição brasileira de *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, de 2002. Ver referências ao final.

alguns de seus companheiros de cárcere. Também para este autor, o ato de escrever permite a recomposição de uma identidade estigmatizada em uma nova versão de si, que se sobrepõe àquela: "Quando escrevo, não me sinto um preso, apenas um pesquisador que está escrevendo uma obra" (Rodrigues, 2002, p. 79).

### A reinvenção de si na prisão

*Memórias de um sobrevivente* traz a radical metamorfose de um sujeito instruído na lei da força, usuário de drogas e sedento por vingança em relação à sociedade que lhe privou da liberdade e ainda autorizou as recorrentes agressões que sofreu em um homem que, através do vício da leitura, vai ampliar seus horizontes, habilitando-se a escrever a história da própria vida como um percurso de autodescoberta. Tendo-se percebido um homem preso desde sempre, como se viu, seria nos porões do inferno do cárcere que esse personagem encontraria recursos para tornar-se um outro sujeito em relação ao que já era ao ser trancafiado pela primeira vez, um menino cheio de ódio devido aos espancamentos sucessivos aos quais o pai alcoolista o submetia: "Os colegas ou me temiam ou me batiam. Jamais aprendi a conquistar pessoas" (Mendes, 2001, p. 26).

O adolescente violento, que bebia e se drogava para turbinar as noites em que, em meio a furtos, "judiava de tudo que se movesse na rua, sobretudo bêbados e veados" (Mendes, 2001, p. 60), ao ser submetido à brutalidade do pau-de-arara quando não tinha nem quinze anos, vislumbra-se pela primeira vez como um erro, sem que conheça meios de corrigir-se:

Então veio o choque. Denso e longo como uma cobra que deslizava sobre meus nervos. A sensação era de que me arrancavam as tripas pelo pé. Dor inenarrável, parecia que os fios entravam na minha carne e grudavam no osso. Havia mesmo cheiro de carne queimada no ar. Naquele instante pude ver tudo o que eu fizera de errado em toda a minha vida, assim, vertiginosamente (Mendes, 2001, p. 72).

A monstruosa experiência da tortura parece ter desencadeado uma espécie de problematização da própria conduta, ainda que lhe

faltassem exemplos de outro modo de ser e de viver. Trata-se do início da formulação de uma autoconsciência severa, que aponta para a inviabilidade do único modo de existência que conhecia, que o estava levando à beira de uma execução: "As unhas estavam em cacos, sangrentas e espetadas na carne. Apanhara um dia inteiro e já estava desacordado um dia e uma noite. [...] Fiquei ali gemendo, sentindo o inferno de ser eu mesmo, e de não ter sido morto ainda" (Mendes, 2001, p. 379). O inferno, nesse texto, está dentro do próprio personagem, é sua condição de vida. A reconstrução do próprio eu que o leva a "sair da posição do sobrevivente para voltar à vida" (Seligmann-Silva, 2008, p. 69) seria desencadeada aos vinte e dois anos, depois de passar nove meses na cela forte e outros seis na solitária, alimentando-se muitas vezes de papel higiênico úmido.

Seria no período da solitária, por ironia, que encontraria um amigo pela comunicação através da tubulação do vaso sanitário. Henrique lhe abriria a perspectiva da literatura e do conhecimento, falando em livros, contando dos romances que lera, de poesia, filosofia, etc. A partir de determinado momento, este passa a emprestar-lhe vasta bibliografia, que o narrador confessa devorar. É muito rápida a narração da verdadeira revolução pessoal pela qual ele passa: "Olhei e namorei livro por livro, caderno por caderno. Aquilo era importante demais para mim. Eu iria construir uma nova história de minha vida, doravante. Uma história mais bonita" (Mendes, 2001, p. 443)

A história mais bonita que construiria fora viabilizada devido ao acesso inédito e clandestino a bens culturais, que propiciavam ao personagem assumir uma conduta ao mesmo tempo mais intelectual e mais afetiva. Ele próprio o percebe: "As relações criminosas já não me satisfaziam mais. Pouco tinham a me acrescentar. O submundo do crime começou a me parecer estreito e limitado, e eu já não cabia só ali. Voava alto, conhecia novos costumes, novos países, novas relações com a vida" (Mendes, 2001, p. 444-445).

Os episódios finais da narrativa de Luis o exibem aluno do curso de Direito na Universidade,

casado e pai de dois filhos. O passado criminal parece ter sido mesmo superado, embora ele ainda se encontrasse preso. O processo de sua conversão em um homem livre a partir da prisão é freireanamente sintetizado como uma nova leitura de mundo, ainda que o narrador possivelmente não o soubesse: "O que acontecia comigo era simples. Possuía um conhecimento do mundo, ao aprender a ler e assim entender melhor esse mundo, tal conhecimento não se sustentava. Só me restava fazer uma releitura e reinterpretação desse mundo. Simples" (Mendes, 2001, p. 461).

A propósito desse paradoxal *happy end* enfeixando a crítica radical do livro ao sistema penal nacional, comentou Márcio Seligmann-Silva (2006, p. 57) no ensaio "Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, *Memórias de um sobrevivente*": "Mendes estava formado. Seu passado sofrido foi revertido em seus 'anos de aprendizagem'. Se levarmos em conta que ele é um 'sobrevivente', fica claro que ele também é uma enorme exceção ao sistema. O tipo de exceção que confirma a regra". Testemunhos como o de Luís Alberto Mendes fazem ver ao leitor que a prisão, sendo espaço de brutal privação, diante de uma condição social prévia tão desfavorável, torna-se espaço que pode propiciar, nas brechas do seu horror, acesso a bens e a práticas culturais até então desconhecidas, oportunizando inéditas experiências de subjetivação e crescimento pessoal.

### A descoberta de si no mundo na prisão

O clássico maior da literatura brasileira sobre a experiência da reclusão, *Memórias do cárcere* (originalmente publicado em 1953), de Graciliano Ramos, ficcionaliza a experiência de uma espécie diversa de enclausuramento, imposto sem processo e sem interrogatório a um homem de classe média, já um reconhecido escritor das letras nacionais quando de sua detenção pela polícia política de Getúlio Vargas, em 1936. Essa notável ficção memorialista, aqui remontada com intencionalidade comparativa em relação aos demais textos, está ligada, cumpre dizer, à história política brasileira dos anos 30. Tendo como autor

um dos maiores prosadores da nossa literatura, a análise das memórias não pode desconsiderar os padrões narrativos e estilísticos que as enfermaram, de acordo com orientação de Alfredo Bosi contida no ensaio "A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*" (1995). A consideração do eminente crítico paulista é acolhida neste artigo, assim como a linha interpretativa que ele propõe acerca da natureza da obra: texto no qual a memória de fatos históricos se fez construção literária pessoal (Bosi, 1995, p. 309).

Considera-se nesta análise a construção literária pessoal das memórias de um encarceramento político (fato histórico), que se desdobram como "escrita de si" em busca de sobrevivência no espaço prisional em um sentido muito diverso daquele que movia os autores da prisão anteriormente debatidos. O feixe de descobertas que importa na leitura em curso da narrativa de Graciliano Ramos diz respeito ao mundo da prisão como o mundo dos "dejetos sociais" a que se refere Lóic Wacquant, que o narrador observa ao mesmo tempo em proximidade (física) e distância (existencial). As vozes desses "dejetos" se fariam ouvir cerca de cinquenta anos após a publicação da obra ora em discussão. Trata-se dos autores apresentados nas partes anteriores deste artigo.

O autor de *Vidas secas* fora obrigado a viver, no período em que esteve confinado em diferentes espaços, junto de pessoas de baixa extração social, destituídas de formação cultural e mesmo de bons modos, em alguns casos. É ele um tipo muito particular de detento, cuja voz enunciativa revela ter adentrado o cárcere de terno e gravata, carregando valise e carteira repletas de bens, que fora preciso vigiar incessantemente. Diz o narrador a propósito do aprendizado que a estadia na prisão em razão de perseguição política jamais formalizada lhe oportunizou: "Precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima" (Ramos, 1982, v. I, p. 154).

Trata-se, no caso específico em questão, de ação singela de um agente carcerário, que lhe trouxera às mãos vários copos d'água quando tinha sede. Gesto gratuito, realizado por funcionário

mestiço, que lhe obrigara a revisitar o preconceito afirmado pouco antes, diante de modos infames de outro agente, igualmente uma pessoa de baixa extração social e “de cor”, segundo suas palavras, como o é boa parte dos presos comuns com quem compartilha o espaço carcerário. A diferença estava no poder que detinham os primeiros, pessoas que o narrador julgara ineptas para o cargo que exerciam, pobres-diabos de armas na mão, até que a gentileza recebida de um deles lhe obrigara a repensar a repugnância sentida: nos subterrâneos sociais há de tudo, gente torpe e gente bondosa, ele descobre.

O narrador de *Memórias do Cárcere* parte do entendimento de que a sociedade capitalista constitui de fato uma prisão aos que só têm a força de trabalho para vender como meio de sobrevivência. Nessa leitura do mundo como espaço de privilégios e exclusões coincide em linhas gerais com os demais autores do cárcere anteriormente citados, apenas não é a mesma sua circunstância de classe. Antagonista do sistema pelo alinhamento ideológico ao comunismo, ele naturalmente busca lançar aos homens por ele explorados um olhar de compreensão e aceitação:

Há entre eles [detentos] homens de várias classes, das profissões mais diversas, muito altas e muito baixas, apertados nelas como em estojos. Procurei observá-los onde se acham, nessas banhas em que a sociedade os prendeu. A limitação impediu embaraços e atritos, levou-me a compreendê-los, senti-los, estimá-los, não arriscar julgamentos precipitados. E quando isso não foi possível, às vezes me acusei. Ser-me-ia desagradável ofender alguém com essa exumação (Ramos, 1982, p. 35).

Em que pesem suas boas intenções, o sujeito ficcional reconhece “a impossibilidade clara de amoldar-se à vida suja, admitir a convivência fortuita com pessoas humildes, infelizes, até ladrões” (Ramos, 1982, p. 156). Já na circunstância de sua detenção, a caminho do confinamento, confessara ter percebido que suas “prerrogativas bestas de pequeno-burguês iam cessar ou tinham cessado” (Ramos, 1982, p. 48), o que lhe causava apreensão. Os hábitos de classe arraigados fariam

com que o tempo de seu encarceramento oscilasse entre a busca de compreensão da gente do povo e o reconhecimento da impossibilidade desse entendimento:

Fiz o possível para entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus é a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível (Ramos, 1982, p. 37).

O sentimento mau resulta da constatação de que um homem que defende a sociedade sem classes, como ele, lastime de fato o “nivelamento” causado pela igualdade de condições de vida entre presos comuns e presos políticos: “Lá fora tínhamos ocupações diversas, usávamos linguagens diferentes e nos distinguíamos pela roupa; ali, no calor, mal vestidos, meio nus, usando vocabulário escasso, fundindo as gírias da caserna e da estiva, parolávamos na inércia forçada e nos íamos aos poucos depressa nivelando” (Ramos, 1982, p. 157) Muito mais grave do que a autorreprovação pelo desconforto sentido em virtude das condições de igualdade compulsória entre os presos na precariedade comum do cárcere fora o pavor deixado pela notícia de que essa igualdade implicava que prisioneiros políticos pudessem ser alvo de violências naturalizadas no tratamento dos presos de classe baixa:

Não se concebia que negociantes e funcionários recebessem os tratamentos antigamente dispensados aos escravos e agora aos patifes miúdos. E estávamos ali encurralados naquela imundície, tipos da pequena burguesia, operários, de mistura com vagabundos e escroques. E um dos chefes da sedição apanhara tanto que lá ficara em Natal, desconjuntado, urinando sangue (Ramos, 1982, p. 141).

A surra, para um homem de letras, intelectual e sofisticado, era uma degradação irremediável: “Lembrava o eito, a senzala, o tronco o feitor, o capitão-de-mato” (Ramos, 1982, p. 141). A posição política tornava naquele contexto homens como ele alvo de um tipo de violência costumeiramente destinada aos segmentos racializados e empo-

brecidos. O sentimento de afronta provocado pela notícia de que um camarada que participara da Intentona Comunista (1935) fora espancado mostra-se irreprimível, ainda que ferisse preceitos de justiça que o narrador-protagonista das memórias trazia arraigados em seu ideário. Se não se sentia preparado para a igualdade forçada advinda das restrições mais corriqueiras da rotina carcerária, como a falta de banho e de roupas limpas, menos ainda para a igualdade na vulnerabilidade à violência daqueles que o tinham aprisionado arbitrariamente. Essa terrível descoberta de si o cárcere lhe propiciara. Alfredo Bosi tece considerações a esse respeito no ensaio anteriormente referido:

O peso da negatividade e o empatamento cognitivo parecem obstar a que o narrador arme um laço de simpatia com o próximo. Este ou é recusado por um movimento crispado de desconfiança, ou mantém o seu estatuto de problema, se não de enigma. Do lado do sujeito, o processo conduz a uma exaustão que não é compensada, em momento algum, pela conquista da paz interior (1995, p. 314).

Considerado pelos representantes do poder de seu estado um criminoso similar a um ladrão devido a convicções políticas que nem mesmo traduziam-se em militância, uma vez que não era sequer filiado ao Partido Comunista, tampouco participava de qualquer organização, como reitera no texto, no qual se apresenta como um "revolucionário chinfrim", o narrador sente-se rebaixado junto a homens com os quais pouco ou nada compartilha. A prisão para esse personagem, um escritor de ideário igualitário, esmaga sua individualidade, ferindo-o e fazendo com que se pergunte: "Será necessária essa despersonalização?" (Ramos, 1982, p. 63). Tratando de reestruturar através da escrita o ego aviltado pela massificação da experiência do confinamento, Graciliano configura o espaço biográfico de um modo distinto do padrão usual dos textos autobiográficos que referem experiências de violência coletiva em regimes autoritários, segundo apresenta Jaime Ginzburg no artigo "Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema" (2012). Nestes casos, segundo o

crítico, "A autobiografia pode assumir um papel de mediação, instrumento de confronto, em que a experiência individual atua como fundamento para interpretar e discutir a experiência coletiva" (Ginzburg, 2012, p. 161).

Não há em *Memórias do cárcere* essa passagem para a avaliação da experiência coletiva da prisão. Ao contrário, o aprisionamento é representado a partir da experiência individual do sujeito enunciador até mesmo antes da circunstância de sua detenção ilícita. Trata-se de uma circunstância específica na qual o mundo exterior configura-se como prisão dentro da vida privada do personagem, que confessa ter tido por anos o costume de retardar-se no gabinete de trabalho até a madrugada em busca de condições de silêncio e tranquilidade para escrever. Em casa havia, segundo narra, "desavenças conjugais intempestivas, que se vinham amudando e intensificando sem causa" (Ramos, 1982, p. 40). A lembrança dessas querelas amenizava o susto proveniente do anúncio de uma perseguição em curso, orientada pelos integralistas do estado de Alagoas:

Onde achar sossego? Minha mulher vivia a atazanar-me com uma ciúmeira incrível, absolutamente desarrazoada. Eu devia enganá-la e vingar-me, se tivesse jeito para essas coisas. Agora, com a demissão, as contendas iam acirrar-se, enfurecer-me, cegar-me, inutilizar-me dias inteiros, deixar-me apático e vazio, aborrecendo o manuscrito. Largara-o duas vezes, estivera um ano sem vê-lo, machucara folhas e rasgara folhas. As interrupções e as discórdias sucessivas deviam ser causa daqueles altos e baixos, daquelas impropriedades. Conveniente isolar-me [...] (Ramos, 1982, p. 43).

Eram tantos e tais os distúrbios domésticos que a chance de estar longe de casa trazia sensação de alívio ao sujeito em processo enunciativo. Ele iria escapar de enfrentamentos espessos, amargos, corrosivos: "Naquele momento a ideia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade" (Ramos, 1982, p. 42-43). O único motivo pelo qual recriminava-se por pensar assim eram os filhos, mas nem por eles parecia sentir afeto, somente responsabilidade, conforme admite: "Na verdade suponho que me revelei covarde e egoísta: várias crianças exigiam sustento, a

minha obrigação era permanecer junto a elas, arranjar-lhes por qualquer meio o indispensável. Desculpava-me afirmando que isso se havia tornado impossível" (Ramos, 1982, p. 45).

Para o narrador de *Memórias do Cárcere*, invertia-se a princípio o sentido dos termos "liberdade" e "prisão". Da casa, não manifesta jamais nenhuma saudade. Escreve carta à mulher somente para renovar o pedido que lhe havia feito de enviar um conto a Buenos Aires. Cumpriria assim sua responsabilidade de marido e pai, pois receberia pagamento pela respectiva publicação em revista argentina. A experiência do enclausuramento se mostraria, no entanto, diversa da expectativa de uma libertação: "Operava-se assim, em poucas horas, a transformação que a cadeia nos impõe: a quebra da vontade" (Ramos, 1982, p. 54). Tinha sido uma "burrice" (Ramos, 1982, p. 60), segundo considera ele, imaginar que seria possível escrever um romance atrás das grades.

A prisão é para Graciliano Ramos, portanto, motivo de intenso sofrimento, mas também *locus* de aprendizado de si a partir da inserção naquele mundo. O convívio com pessoas de baixa extração social lhe apresentara impossibilidades e desafios. O tratamento de igualdade que a cadeia dispensava em termos de violência institucional aos presos comuns e aos presos políticos feria um sentimento íntimo de privilégio de classe que apenas um autor de absoluta honestidade no gesto de narrar-se seria capaz de admitir. Graciliano o faz, uma vez que, de acordo com o crítico Antonio Candido, fundiu com primor ficção e confissão<sup>6</sup> em sua escrita, levando a literatura brasileira a um raro patamar de realização estética.

Se prisão é figurada no "realismo plúmbeo" (Bosi, 1995, p. 314) de *Memórias do cárcere* como um mundo absurdo e fumacento, uma cova de fantasmagorias, ela fora entendida anteriormente como o refúgio de liberdade, em que o narrador-protagonista finalmente encontraria, segundo supunha, condições para desenvolver a atividade de escritor, inviabilizada em sua casa.

Antes mesmo da detenção, percebe-se, o escritor já se sentia já um prisioneiro, não em razão da desigualdade social, como os demais escritores apresentados, mas em razão do vínculo familiar. Ausente a liberdade na vida pessoal ou no espaço carcerário, seria apenas no terreno da literatura, portanto, que cabia ao escritor buscá-la. Mesmo ali, ela parecia esquivar-se à sua pena: "Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer" (Ramos, 1982, p. 34). O espaço tempo do texto parece ser para Graciliano Ramos o reduto da liberdade possível onde pode atribuir sentido à própria vida.

### Considerações finais

A historiadora Michelle Perrot, no livro *L'impossible prison* (1980), justifica o interesse pelo estudo do mundo fechado, separado e marginal da prisão como motivado pela necessidade de compreender a sociedade normativa, classificatória e disciplinar que a engendra. Não é outra a intenção que guia o presente artigo, que pretendeu compor um conjunto de vozes autorais que no início do século XXI expressaram a brutal experiência da reclusão a partir de uma enunciação deslegitimada pelo crime, classe social, formação cultural e muitas vezes também por perfil étnico, no sentido de evidenciar que o mundo social de onde provêm constitui já uma prisão e que a passagem ao espaço institucionalizado da detenção permite reforçar e acentuar, com a certeza da impunidade, a violência de um conjunto de práticas que em nosso país acompanham suas trajetórias de vida desde o início. O mundo foi aqui entendido como metáfora da prisão<sup>7</sup>, e a prisão, como metáfora, concentrada em termos de potencial de extermínio, do mundo que os aniquila cotidianamente.

Conforme entende Márcio Seligmann-Silva

<sup>6</sup> Tal é o título da obra fundante de Antonio Candido (1992) que reúne ensaios sobre o escritor de *Caetés* produzidos em diferentes etapas de sua atividade crítica. Ver referência ao final.

<sup>7</sup> O entendimento do mundo como metáfora da prisão foi desencadeado por exposição apresentada no Maxxi, em Roma, na primavera de 2017. Ver <https://www.turismo.it/la-mostra-del-giorno/articolo/art/a-roma-la-prigione-come-metaphora-del-mondo-id-13792/>.

(2003), "esta modalidade de escritura da memória apresenta uma imagem radical – mas não por isso menos fiel e terrificante – da situação do homem contemporâneo esmagado por uma fantástica máquina de exploração social e econômica denominada Globalização". Esmagados pelo sistema no global de exploração, desdobrado em nosso país sobre uma experiência histórica de escravidão, esses homens sobrevivem devido a uma série de astúcias, entre as quais encontra-se a capacidade de ressignificar a condição de párias da Nação através da narração. Este artigo pretendeu lançar luz sobre seus passos, propondo ao público leitor que há muito a aprender com sua coreografia de sangue, de dor e de morte.

Graciliano Ramos, por sua vez, situado em outro tempo, outros espaços de confinamento e em outra condição social, econômica e cultural, foi inserido nesse *corpus* a fim de evidenciar que também para um detento bem-nascido o encarceramento traz ensinamentos, que no seu caso o tornaram mais lúcido a respeito de si em meio às agruras do mundo, que a prisão tornou imediatamente próximas. Para o autor de *Memórias do cárcere*, prisioneiro político da Era Vargas, a experiência da prisão iria propiciar amarga autoconsciência acerca da própria incapacidade de viver a precariedade do cotidiano junto aos presos comuns, a quem confessa na maior parte das vezes não entender e dos quais sente-se irremediavelmente distinto em termos de desejos e necessidades. Segue-se nesse entendimento mais uma vez a leitura de Alfredo Bosi (1995, p. 322) acerca da narrativa: "*Memórias do cárcere*: nesta obra realista e clássica a modernidade se afirma pelo reconhecimento da força e dos limites do sujeito".

A esse renomado homem de letras, que já adentra o espaço carcerário construído subjetiva e socialmente como ficcionista, o mundo da prisão prolonga o mundo externo em um sentido bastante específico, evidenciando a condição comum a ambos de constituírem zonas opacas, perpassadas por conflitos e incompreensão, que apenas a palavra literária parece capaz de iluminar e significar. No que diz respeito à sua

especificidade, o universo prisional oferece ao escritor oportunidade de investigação acerca de si e do outro, e igualmente do outro que traz dentro de si, aprisionando aspirações arraigadas de justiça e direitos iguais para todos, que sua pena não omite mas, contrariamente, revela.

## Referências

### I Literatura

DU RAP, André; ZENI, Bruno. *Sobrevivente André Du Rap (do Massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labor-texto, 2002.

FERRÉZ (org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. São Paulo: Labortexto, 2001.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Prefácio de Nelson Werneck Sodré, ilustrações de Percy Deane. São Paulo: [s. n.], 1982. 2 v. Ilust. Originalmente publicado em 1953.

RODRIGUES, Humberto. *Vidas do Carandiru: histórias reais*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

### II Crítica

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. H. Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 23, p. 309-322, jan./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/NvFwJgfQCBspVFkrWztbpfK/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2022.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FRANCAVILLA, Roberto (org.). *Voci dal margine: La Letteratura di ghetto, favela, frontiera*. Roma: Artemide, 2012.

GINZBURG, Jaime. Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia. In: GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012. p. 159-169.

HOSSNE, Andrea Saad. Autores na prisão, presidiários autores: anotações preliminares à análise de *Memórias de um sobrevivente*. *Literatura e sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 8, p. 125-139, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19635/21699>. Acesso em: 26 jan. 2022.

KEHL, Maria Rita. A fátia orfã: o esforço civilizatório no rap na periferia de São Paulo. In: KEHL, Maria Rita (org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p. 209-244.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Cada história, uma sentença*: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro. 2009, 180 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06092011-142127/pt-br.php>. Acesso em: 9 dez. 2013.

PENNA, João Camillo. O sujeito carcerário. In: PENNA, João Camillo. *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 137-160.

PERROT, Michelle (org.). *L'impossible prison*. Paris: Éditions de Seuil, 1980.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Memórias de delinquência e sobrevivência. In: SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime*: violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão do testemunho nas catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. ISSN 0103-5665. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 nov. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, Memórias de um sobrevivente. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 27, p. 35-47, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9090>. Acesso em: 24 set. 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Violência, Encarceramento, (In)Justiça: Memórias de histórias reais das prisões paulistas. *Revista Letras*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 29-47, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/303>. Acesso em: 25 mar. 2013.

WACQUANT, Löic. Nota aos leitores brasileiros: Rumo a uma ditadura sobre os pobres. In: WACQUANT, Löic. *As prisões da miséria*. IS. I.: Coletivo Sabotagem, 2004. p. 3-9.

### III Documentos

SISTEMA DE INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO. Disponível em: <https://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>. Acesso em: 30 maio 2025.

### Agradecimentos

A Cláudia Carneiro Peixoto e Marcela Waglon Richter, que me levaram a conhecer a prisão durante a execução do projeto de extensão *Ler é liberdade*, implementado pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG) para efeito de remição de pena pela leitura a homens e mulheres da Penitenciária de Rio Grande (PERG) entre agosto e dezembro de 2019.

A Luciana Jost Vinhas, por abrir este caminho através do projeto *Remição de pena através da prática de leitura no Presídio Regional de Pelotas*, implementado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A Beatriz Cruz, Leticia Olivares, Sandra-X e Vânia Medeiros, do projeto *Mulheres possíveis*, que desde 2016 tem levado cidadania e alegria à Penitenciária da Capital (São Paulo/SP).

Ao professor Fabio Pierangeli, da Universidade Roma Tor Vergata (Itália), pelos vários projetos desenvolvidos junto à Penitenciária de Rebibbia, entre os quais está o de troca de correspondências entre seus alunos do curso de Letras e os homens em situação de prisão.

A Ana Castro, Ana Cecília Salis, Ana Liberato, Antonia Reis, Andrêssa Galvão, Bruna Vitória Tejada, Claudia Peixoto, Cleiva de Aguiar Lima, Eliana Tavares, Débora Amaral, Flávia Álvares, Gih Trajano, Giovana Pontes Farias, Giulia Guadanigno, Heloísa Helena Vaz da Silva, Isabel Farias, Lara Braz, Leticia Olivares, Liane Duarte, Luciana Vinhas, Manoela Pires dos Santos, Márcia Menegatt, Maria de Lourdes Lose, Mariana Xavier Alves, Millaine Carvalho, Nathielle Saraiva, Pâmela da Conceição, Rafaela Gloger, Renata Orlandi, Susana Dias Ribeiro, Taiana Tagliani, Vera Haas e Virginia Caetano, companheiras do projeto *Conversas possíveis*, que atravessaram os muros da Penitenciária de Rio Grande (PERG) no ano de 2022, com cartas que constituíram as visitas possíveis em um tempo ainda de pandemia.

---

## Luciana Paiva Coronel

Professora associada de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), situada na cidade de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), e no Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em História da Literatura, da mesma instituição. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP/2004). Tem pós-doutorado junto à Università degli Studi di Genova (Itália-2014/15) e, junto à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-2020/21), participa do Projeto de pesquisa Espaços da Literatura Contemporânea (CNPq) e do GT Literatura Brasileira Contemporânea, da Anpoll. Tem publicado artigos e capítulos de livros no tema da figuração da memória da ditadura civil-militar de 1964 no âmbito da literatura brasileira contemporânea.

---

## Endereço para correspondência

### LUCIANA PAIVA CORONEL

Santos Neto, 180/02, 90460-090

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*